

O rádio como monitor do trânsito, termômetro e cronômetro da cidade¹

Cida Golin

Docente do PPGCOM e da FABICO/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Este artigo apresenta os resultados do segmento radiofônico da pesquisa *Porto Alegre Imaginada: representações dos cidadãos sobre a cidade*, projeto coletivo desenvolvido entre 2007 e 2009 na Fabico/UFRGS. A partir da metodologia estabelecida por Silva (2004), analisou-se 24 horas e 10 minutos de 06 programas de emissora locais, considerando os seguintes estratos analíticos: sonoro, fônico-linguístico, temporal e objetos apresentados na narração. Percebeu-se que Porto Alegre, nas narrativas radiofônicas escolhidas, constitui uma cidade descentrada. Na sua condição ubíqua de serviço e companhia, a mídia radiofônica atua como guia da mobilidade física do sujeito, cumprindo a função de termômetro e cronômetro da cidade. Desvela a condição de metrópole, mas também o tempo lento do bairro.

Palavras-chave:

rádio; cidade; Porto Alegre; narrativas radiofônicas e espaço urbano

Introdução

Habitar, afirma Di Felice (2009), mais do que estar ou residir, significa relacionar-se, comunicar-se. Neste processo, as mídias assumem um papel referencial configurando a simbiose entre o sujeito e sua percepção da cidade. Espaço por excelência do olhar, em que a audição ocupa um patamar periférico, a cidade encontra no rádio um sincronizador (MENEZES, 2007) do seu movimento e circulação. O veículo funciona como um relógio das rotinas diárias ao organizar e reproduzir os ciclos e as temporalidades locais: o despertar para o trabalho, a conversa descompromissada na hora do cafezinho, a hora do rush, a solidão do insone na madrugada. Cada emissora enquadra o ouvinte em um estilo próprio de pontuação e ritmo. Funciona, na perspectiva de Schafer (2001), como uma espécie de parede, massa sonora comprimida, ininterrupta, feita de repetições, envolvendo o sujeito na ausência do silêncio.

A partir dos anos 1960, quando deixou a sala de visitas e o entretenimento para a televisão, o rádio passou cada vez mais a contemplar notícias e prestação de serviços

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

locais. Qualquer manual para iniciantes recomenda que a pauta do veículo privilegie a proximidade como critério de relevância: um acidente de trânsito, um assalto, o buraco da rua, as reivindicações dos bairros. Nas grandes cidades, as emissoras atuam como guias da mobilidade física do sujeito. Percebe-se, aqui, o quanto o elemento midiático contribui para a construção e utilização da paisagem urbana ao produzir aquilo que Di Felice (2009) define como metarquitetura informativa.

Este artigo busca discutir as relações entre o rádio o espaço urbano a partir dos dados obtidos no segmento radiofônico da pesquisa *Porto Alegre imaginada: representações dos cidadãos sobre a cidade*, desenvolvida entre 2007 e 2009 na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O projeto baseou-se nos fundamentos teóricos e metodológicos desenvolvidos pelo pesquisador colombiano Armando Silva (2004) e aplicados no estudo de cidades da América Latina e Europa. Em linhas gerais, buscou-se conhecer diferentes dimensões do imaginário sobre Porto Alegre a partir do cruzamento das representações dos cidadãos com as que circulam nos meios de comunicação e com os registros oficiais. As equipes se dividiram na coleta e recuperação de dados oficiais, na aplicação de uma extensa enquête (300 questionários) com perguntas abertas e fechadas e que buscaram pistas sobre os chamados “croquis” dos habitantes e, por fim, no estudo de como a mídia (impressa e eletrônica) constrói e veicula representações sobre a cidade. Para tanto, foram analisados amostras de televisão, rádio, jornal, cartas de leitores, cinema, revistas, internet, postais e mapas (JACKS; MORIGI, 2007). Neste momento, vamos nos deter exclusivamente nos resultados do subgrupo rádio.

O rádio na pesquisa Porto Alegre Imaginada

Dentro da pesquisa, o segmento rádio reuniu fragmentos de programas produzidos por emissoras de Porto Alegre e da região metropolitana.² A escolha das produções baseou-se em critérios de gênero e audiência. A partir da análise da pesquisa de Ibope (2006), detectou-se os horários de maior sintonia nas AMs de segunda a sexta-feira, com perfis distintos. No segmento FM, a maior audiência se concentra no gênero musical popular. Como esse formato não resultaria em material significativo para

² O grupo de rádio da pesquisa POA Imaginada contou com a participação dos seguintes bolsistas e alunos voluntários: Daiana Vivan, Dalva Bavaresco, Wagner Benites, Samantha Klein e Pedro Ceratti.

análise das representações da cidade, optou-se pelos programas de bate-papo, dirigidos a jovens, com índice significativo de Ibope, além de inserções locais da Bandnews, na época a única emissora jornalística a operar em FM.

A amostra privilegiou, então, os horários de maior público dos programas *Gaúcha Hoje* (7h às 9h – Rádio Gaúcha), *Comando Maior* (9h às 10h – rádio Farroupilha), além do *Cafezinho* (13h às 14h – Pop Rock FM) e *Bandnews 3ª edição* (19h às 20h – Rádio Bandnews). Para complementar o *corpus*, foram analisadas as edições do *Correspondente Ipiranga* (Gaúcha, 8h), informativo de 10 minutos, transmitido após o *Gaúcha Hoje*. Resgatou-se também o programete *Era uma vez em Porto Alegre*, produção semanal da rádio Gaúcha, que vai ao ar aos sábados pela manhã, discorrendo sobre as ruas, bairros, histórias e personagens da cidade. O conjunto de programas abarcou três turnos, somando um total de 24 horas e 10 minutos. O período de gravações foi organizado sobre uma semana composta entre 02 de julho e 19 de agosto de 2007.

A ficha aplicada no *corpus* registrou dados de identificação, ficha técnica, estrutura formal, características de gênero e de formatos. A análise de linguagem contemplou os seguintes estratos: sonoro (materialidade dos ruídos, da música e da sonoplastia); fônico-lingüístico (inflexão de voz, estilo de narração, uso do léxico/vocabulário, expressões verbais usadas para se referir à cidade); temporal (temporalidade expressa, organização temporal dos programas); e objetos apresentados na narração (espaço, cenários urbanos de POA, pessoas, ações, sentimentos).

Como atividades paralelas a esse estudo, realizou-se na disciplina Produção e difusão em radiojornalismo 1, do curso de Jornalismo, no primeiro semestre de 2007, a série *Porto Alegre, paisagens sonoras: qual é o som de Porto Alegre para você?* A cidade foi dividida em quatro regiões (zona sul, norte, centro e leste) e os alunos produziram reportagens especiais a partir do depoimentos dos habitantes, de sons ambientais e ilustrativos do material. No mesmo semestre, a monografia *Paisagens sonoras do rádio: a representação da cidade no programa Chamada Geral*, realizada por Julia Dantas, estudou o radiojornal *Chamada Geral*, da rádio Gaúcha, a partir da metodologia aplicada no segmento rádio da pesquisa Porto Alegre Imaginada. Os dados obtidos em uma semana composta do programa *Chamada Geral*, entre 24 de março e 03 de maio de 2008, complementam os resultados da pesquisa.

Narrativas sobre a cidade: o rádio como monitor do tempo e do trânsito

Se conhecer uma cidade é também escutar as suas rádios, vamos percorrer, agora, a Porto Alegre irradiada por meio dos principais elementos percebidos nos programas analisados. Na maioria das vezes, a capital forma um espaço descentrado, ao contrário dos percursos sugeridos por boa parte das mídias envolvidas no projeto maior, como os postais, cartas, cinema, publicidade e internet (*second life*, *orkut* e sites específicos).

Veículo de prestação de serviços, o rádio funciona em tempo real e cumpre a função de termômetro e cronômetro da cidade. Horário e temperatura são repetidos a todo o momento, entre boletins de previsão meteorológica. Ao pontuar os microclimas urbanos, evoca-se o endereço de cada emissora (Morro Santa Teresa, Morro Santo Antônio, Erico Verissimo com Ipiranga). A enquete realizada pela pesquisa *Porto Alegre Imaginada* apurou que a maioria dos porto-alegrenses reconhece o clima de sua cidade como temperado, seguido pelo clima frio. Estamos entre julho e agosto e escutamos, no rádio, a descrição da cidade sob o inverno, vivendo alguns dias de frio rigoroso com possibilidade de geada ou mesmo de neve. Em 03 de agosto de 2007, por exemplo, o programa *Gaúcha Hoje* orientou seus ouvintes a se deslocarem em meio a uma forte chuva. O serviço é dirigido especialmente ao motorista, ajudando-o a enfrentar o transtorno do trânsito lento, congestionado, com avenidas cheias de buracos nas pistas. Da mesma forma percebemos a cidade avariada após grandes temporais no radiojornal *Chamada Geral* do sábado, dia 03 de maio de 2008 (DANTAS, 2008).

Ou seja, entre o ponteiro do relógio e os boletins meteorológicos, são frequentes as narrativas sobre o trânsito. O rádio reconstrói o espaço urbano em movimento, a cidade da pressa, das vias de circulação, do trânsito de automóveis. A programação em fluxo, tendência de algumas emissoras de radiojornalismo, corrobora a metrópole contemporânea como o lugar do movimento incessante, da multidão, do deslocamento em vias expressas. A programação radiofônica não somente mimetiza a aceleração temporal como ajuda a propagá-la na rapidez da fala, na ausência de pausas ou silêncios, no ritmo incessante da velocidade. Podemos afirmar que esta representação, em certo sentido, aproxima-se da idéia fundante do espaço urbano, ou seja, do movimento e do deslocamento. Segundo Caiafa (2007), os fluxos que vêm de fora criam um nomadismo urbano, constituindo a cidade como lugar de circulação e dispersão.

A amostra reúne programas de ritmos distintos. No entanto, se fôssemos traçar uma imagem auditiva do espaço urbano, a partir desses fragmentos radiofônicos, também teríamos uma perspectiva cartográfica de ruas e cruzamentos, de entrada e saída na cidade. Tal configuração coincide com dados de recepção apontados na própria enquête maior da pesquisa, na qual os entrevistados afirmam que gastam um tempo médio entre 30 e 60 minutos no deslocamento para trabalhar ou estudar. Este percurso, em geral, é realizado de ônibus ou de lotação, sendo que a maioria das pessoas escuta rádio neste período. Se essa mídia geralmente é o pano de fundo para diferentes atividades de seus ouvintes, neste momento percebemos os cenários móveis formados no ato de se deslocar no trânsito como paisagens da cidade sonorizadas pelas narrativas radiofônicas.

Entre todas as mídias, provavelmente é o rádio que toca profundamente no impasse vivido pelas megalópoles e por grandes cidades: o paradoxo da velocidade. A ênfase no movimento e na locomoção por meio dos transportes da cidade industrial, dividida entre centro e periferia, redundou na vitória do tempo sobre o espaço. O metrô é o melhor exemplo nesse sentido. Contudo, na superfície das cidades contemporâneas, em especial nas metrópoles pós-industriais, baseada no fluxo e no descentramento, o número de veículos supera a possibilidade física de extensão de avenidas e autopistas. O horário de pico do congestionamento, momento capturado pelo rádio na condição ubíqua de serviço e companhia, traduz essa condição agônica de estar em trânsito, “de estar parado andando”:

Suspense entre o lugar de partida e a meta, entre as paisagens migratórias dos fluxos comunicativos, as arquiteturas visuais e o aço das laterais dos carros em trânsito, o motorista, ser “entre”, nas horas de engarrafamento, parado e andando, próximo e distante, eletronicamente conectado, rodeado por outros corpos metálicos, experimenta uma forma “transorgânica” do habitar, além do lugar e da cidadania. (DI FELICE, 2009: 183)

Porto Alegre revela-se, pelo rádio, no movimento de suas principais vias e acessos de entrada, na conexão com rodovia BR 116, além das imediações da rodoviária e do túnel da Conceição: as vozes dos repórteres vão ritmando a fluidez ou o congestionamento de avenidas como a Protásio Alves, Assis Brasil, Baltazar de Oliveira Garcia, Castello Branco, Mauá, Bento Gonçalves, Ipiranga, pontuadas pela informação diária da localização dos radares móveis. Cada programa, conforme o horário, monitora



o tráfego. Pelo seu conteúdo editorial, o *BandNews 3ª Edição* se propõe a “desacelerar na hora do rush”, mas já abre com uma síntese do dia na área de acidentes de trânsito e atropelamentos. Da mesma forma começa a primeira edição do *Correspondente Ipiranga*, apresentando o resumo das ocorrências da madrugada.

Acidentes esses que recebem um tratamento sonoro diferenciado no programa Comando Maior, que lidera a audiência do rádio AM em Porto Alegre, conforme dados da pesquisa Ibope (2006). Os relatos são interpretados pelo comunicador Gugu Streit e sonorizados com efeitos de sirenes e trilhas de suspense, intensificando o tom apelativo e dramático. Dirigido ao segmento popular, conjugando informação, entretenimento e ações de assistencialismo, o Comando Maior permite uma cartografia da cidade por meio do endereço dos seus ouvintes. O rádio sempre foi uma mídia de forte interação com o público, proximidade essa potencializada a cada nova ferramenta como torpedos, blogs, e-mails. No caso do *Comando Maior*, o acesso à emissora, além da presença física, é feito pelo telefone. Os ouvintes se identificam a partir do seu endereço e do seu bairro, identificação repetida na voz do apresentador, confirmando os territórios de escuta na cidade: bairros Partenon, Restinga, Serraria, Parque dos Maias, Jardim Itu, Assunção e Bom Fim.

Um acidente ganhou especial relevância em todos os programas da amostra. Foi a queda do voo 3054 da TAM no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, no dia 17 de julho de 2007, considerado um dos maiores da aviação brasileira. O voo partiu de Porto Alegre e causou a morte de 199 pessoas. Todos os programas gravados na quinta-feira, 18 de julho, repercutiram o tema de forma ininterrupta, fazendo do aeroporto Salgado Filho um eixo referencial no mapa radiofônico da cidade, não somente pela contínua citação, mas pela presença das equipes de reportagem no local. O aeroporto, no conjunto da amostra, é um elemento constante nas narrativas sobre a cidade, sobretudo pelo relato de serviço (fechamento, abertura, presença de neblina ou mau tempo), intensificado pelo atribulado período de atrasos nos horários da malha aérea brasileira em julho de 2007.

Narrativas sobre a cidade insegura

A enquete realizada na pesquisa maior mostrou o quanto a capital é percebida pelos seus moradores como “perigosa” e “dinâmica”. Os motivos indicados para não se

gostar de Porto Alegre são, na opinião dos depoentes, situações de violência, agressividade, seguido pelo trânsito. Se o rádio funciona como um monitor das vias de circulação dos veículos, também o é na narração sobre a violência. Com exceção de *Era uma vez em Porto Alegre*, todos os demais programas, em maior ou menor grau, repercutem as pautas policiais. A maioria das produções tem perfil jornalístico, e sabe-se que qualidades como o extraordinário, a guerra, a violência, a morte e o catastrófico definem, entre os múltiplos acontecimentos, aqueles que vão se transformar em notícias. Logo, não é de se estranhar que Porto Alegre seja evocada constantemente, nestas narrativas, pela quantidade de assaltos e mortes. O programa *Gaúcha Hoje*, de 11 de agosto de 2007, divulgou uma pesquisa que constata que 60% dos roubos de carros no Rio Grande do Sul acontecem em Porto Alegre, Canoas e Novo Hamburgo, cidades da região metropolitana. Um carro a cada 16 minutos é roubado ou furtado.

Mais de um mês antes, em 02 de julho de 2007, Gugu Streit fora contundente no apelo da inflexão da voz em afirmar que a capital é campeã em roubos de veículos, superando São Paulo e Rio de Janeiro. Naquela mesma edição, ao responder a uma reclamação de um ouvinte sobre a violência no bairro Cristo Redentor, zona norte, alertara para o perigo do entorno de hospitais como Cristo Redentor, Clínicas e São Lucas da PUCRS. A maior parte dos relatos policiais de execuções, tiroteios e morte, registrados no conjunto de programas, ocorre em bairros na zona leste e da zona norte; na sequência, zona sul e cidade baixa. Tal conjunto de narrativas contrasta com a percepção reproduzida na enquete da pesquisa maior de que o centro seria o lugar mais perigoso da cidade. Esse dado não se confirma no conjunto de relatos radiofônicos analisados, embora as demais zonas citadas coincidam com a sensação generalizada do cidadão sobre os locais inseguros do espaço urbano.

O bairro na metrópole

A proximidade estabelecida pelo rádio com o seu território oferece uma perspectiva múltipla do espaço urbano. Ao mesmo tempo em que percebemos a configuração da metrópole contemporânea (prevalência dos sistemas de transporte, descentramento, trânsito congestionado e violência), vislumbramos também aquele rádio típico de comunidades pequenas, com seus prosaicos relatos cotidianos sobre o desaparecimento de um cão, pedidos de doação de sangue, reclamações de ouvintes

sobre a falta de coleta de lixo em uma rua específica, problemas na iluminação pública ou buracos em avenidas, temas geralmente relacionados à prestação de serviços e obrigações do poder público com a cidade.

Pelo perfil da maioria dos programas escolhidos na amostra, não encontramos a predominância do entretenimento, da cultura ou mesmo da música, nichos que constituem o perfil da grande maioria das emissoras. Exceção são as notícias sobre a dupla Grenal, associando esporte ao lazer e apontando para a importância do futebol na grade das emissoras, segmento responsável por programas de impacto significativo na audiência e faturamento das rádios. Em Porto Alegre, particularmente, a forte rivalidade da dupla Grêmio e Internacional resulta na formação de equipes especializadas, com vários repórteres para a cobertura da rotina dos times, dos jogos e dos debates diários sobre futebol.

Dentro do modelo descontraído dos programas de esportes, recuperando a verve humorística presente nos anos áureos do rádio como veículo de entretenimento, surgem espaços como o *Cafezinho*, que garantem uma audiência significativa em FM. Como se fosse uma conversa informal entre amigos na mesa de um bar, ritmada por uma trilha sonora característica e eventuais efeitos sonoros, os apresentadores se encontram para comentar assuntos como futebol e cultura, contar piadas, entre outros temas improvisados a partir da agenda do dia e da interação com os ouvintes cativos. No auge da audiência desse *talk show*, os apresentadores pediam para que quem estivesse ouvindo o programa no carro, buzinasse. Não era raro ouvir buzinações em avenidas movimentadas entre meio-dia e uma hora da tarde. A cidade, nesse caso, é evocada por meio da agenda jovem de festas, dos shows em teatros, bares e pubs, encontros colegiais e programação de cinema. Se mudarmos o dial, variando o público e o programa, a oferta do *Comando Maior* é outra e interessa saber onde serão realizados os bailes para a terceira idade.

Como vimos nos exemplos acima, o rádio vive da temporalidade presente e cíclica, refletindo vários tempos possíveis e simultâneos: a velocidade e a lentidão, o futuro e o passado. Contraponto às narrativas do imediato, efêmeras por natureza, a produção *Era uma vez em Porto Alegre* se propõe a trabalhar a memória, as múltiplas histórias do passado. Recupera-se, aqui, o tratamento estético da dramaturgia, ao investir em efeitos sonoros, recriação de diálogos e na presença onisciente de um

narrador que teria acompanhado de perto todos os fatos, o velho narrador de “causos”, que reúne a comunidade em torno da sua voz experiente e fala diretamente a um ouvinte em particular, recurso retórico típico da comunicação radiofônica. Ouvimos histórias remotas, desde o processo de implantação da Justiça na pequena Porto Alegre de população pouco instruída até a exibição de um faquir que ficou 25 dias sem comer e fora capaz de reunir 80 mil pessoas na avenida Borges de Medeiros em 1947. A descrição dos primórdios do bairro Lomba do Pinheiro é um exemplo de episódios que evocam o processo de uma cidade que se modernizava, mas que mantinha sítios rurais sem energia elétrica, vivendo a rotina da criação de animais, trânsito de carretas e carroças, hábitos de caça e de ouvir histórias na ausência da energia elétrica. A primeira linha de transporte coletivo chegou à Lomba do Pinheiro somente em 1950.

O som da cidade no rádio

A cidade, nos programas escolhidos, ressurgiu por meio da voz de um narrador. Não há referências construídas sob outras sonoridades, exceto o som abafado ao fundo dos boletins ao vivo (trânsito, por exemplo) e efeitos sonoros interpretativos (de caráter ilustrativo ou de comentário, assim como músicas e trilhas) editados em estúdio e utilizados em produções como *Era uma vez em Porto Alegre* e *Comando Maior*. Há uma predominância da voz e da palavra, bem como um esforço em eliminar ruídos dos ambientes externos no momento das gravações. A função referencial que conduz as audições, em especial as jornalísticas, faz a palavra falada, a palavra elástica e líquida, distante da estabilidade da escrita, ter primazia em relação a outros elementos da linguagem radiofônica (efeitos sonoros, música e silêncio). É importante lembrar que a programação radiofônica geralmente serve de pano de fundo para outras atividades do ouvinte que acompanha a transmissão em tempo real e de forma pouco reflexiva. Esta atenção flutuante da recepção exige estruturas sintáticas menos complexas, evitando elementos que possam causar estranhamento. A reportagem especial transmitida no programa *Chamada Geral* no dia 01 de abril de 2008, sobre os corredores de ônibus de Porto Alegre, fugiu parcialmente a esta regra. Três repórteres percorreram 19,5 quilômetros nas principais vias da cidade, constatando a lotação dos veículos e irregularidades do trânsito, e a narrativa recebeu um trabalho de sonoplastia e sons



ambientais (DANTAS, 2008). Em geral, também percebemos que o uso da música na maioria dos programas privilegia o perfil regional.

Vale citar aqui a experiência realizada no primeiro semestre de 2007 na disciplina Produção e difusão em rádio 1, quando partiu-se da pergunta unificadora “Qual é o som de Porto Alegre para você?”. Esta pergunta ampliou em mais um aspecto a enquete original da pesquisa *Porto Alegre Imaginada*, visando produzir uma série de reportagens radiofônicas. Dividiu-se a cidade em quatro zonas (centro, sul, leste e norte) e os alunos saíram a registrar as impressões dos mais variados tipos de depoentes (velhos, jovens, adultos de classes sociais distintas), além de captar os sons ambientais para ilustração de cada narrativa. Ainda que seja uma amostra pequena e aleatória, a série trouxe percepções subjetivas relevantes sobre a sonoridade urbana percebida a partir de seus habitantes. Em linhas gerais, foi possível traçar um contorno geográfico e narrativo da cidade, determinando especificidades de cada bairro que, se por um lado unificam o espaço com elementos identitários, por outro reconstróem pequenas cidades dentro da Capital.

Sabe-se que o ruído é um índice do habitat moderno, e os porto-alegrenses ressentem-se dessa condição que não difere uma cidade da outra: é comum associar o som de Porto Alegre ao trânsito, ao congestionamento, às buzinas e sirenes, ao barulho das máquinas. Lembrando Schafer (2001), a partir da Revolução Industrial, a paisagem sonora tornou-se cada vez mais *lo-fi* (*low fidelity*), ou seja, congestionada pela quantidade de sons e suas interferências conflitantes. Ao contrário da paisagem *hi-fi* (*high fidelity*), em que é possível uma escuta focada, em perspectiva, a anarquia da paisagem sonora pós-industrial favoreceu uma surdez progressiva, comportamentos de não-escuta, a desatenção do sujeito com seu entorno sonoro.

Se esse mundo mecânico e artificial, feito de estridência e de choque, é sentido a partir de determinados territórios, em geral próximos às vias de circulação, ao centro, ao aeroporto, ao metrô, eles mudam radicalmente conforme a situação geográfica e os bairros. O som dos parques, dos pássaros (sabiás e bem-te-vis) e das ondas que batem na beira do lago Guaíba, o silêncio noturno entrecortado pelos latidos de cachorros, configura uma faceta interiorana da capital, marcada pela sonoridade cíclica dos sinos e de festas religiosas como a procissão de Santa Rita de Cássia no bairro Guarujá. A reverberação e os bordões das torcidas da dupla Grenal e músicas fáceis de guardar na

memória coletiva, como *Porto Alegre é demais...*, foram citações recorrentes entre aqueles que, por alguns minutos, dedicaram-se a pensar sobre o som de sua cidade. Insinua-se aqui a presença de elementos arcaicos do urbano, a praça e a igreja, pontos fixos no constante fluxo, matrizes de sociabilidade, de troca ou de vivência do sagrado. Como escreve Gastal (2006, p.231), a cidade não se expande somente no território, mas em um emaranhado de idéias, aspirações e utopias: “a cidade é o sonho que cada um dos seus moradores acalenta em segredo”.

Considerações finais

A sociabilidade e as trocas interativas transformaram a cidade na maior experiência comunicativa da humanidade (FERRARA, 2008). Como linguagem em movimento e sem parâmetros estáticos, o rádio partilha dessa experiência pontuando e reconstruindo os ciclos do fluxo urbano. Ao estabelecer uma interface sonora com a cidade, conduzida pelo artifício da sua presença física, próxima e sensorialmente envolvente, o rádio a distorce a partir de novos enquadramentos (MEDISTCH, 1999).

A amostra analisada nesta pesquisa permitiu entrever os elementos da metrópole e do bairro. Percebemos a característica primordial do veículo que cria intimidade com o território, interage com os ouvintes como se eles fossem apenas um, da mesma forma em que retrata a cidade da multidão e do tráfego. Ancorado no presente, este contínuo de múltiplas temporalidades (a da memória, a do tempo do trabalho e do lazer), o rádio encontra também os diversos tempos da cidade, funcionando como uma espécie de cronômetro e de termômetro. Por meio dele, ouvimos a cidade como um organismo vivo, onde supostamente os indivíduos estão em perpétuo trânsito, mas também sabemos que é preciso consertar uma luminária no bairro Rubem Berta ou instalar uma sinaleira em uma travessa do bairro Cristal. O rádio constitui-se em guia e companhia para atravessar as cidades de Porto Alegre.

Referências

- CAIAFA, J. **Aventura das cidades**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.
- DI FELICE, M. **Paisagens pós-urbanas. O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009.
- DANTAS, J. **Paisagens sonoras do rádio: a representação da cidade no programa Chamada Geral**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008.
- FERRARA, L. Cidade: meio, mídia e mediação. **Matrizes**, n.2, p.39-53, abril 2008.



- GASTAL, S. **Alegorias urbanas. O passado como subterfúgio.** Campinas, SP: Paupirus. 2006.
- JACKS, N.;MORIGI,V. **Porto Alegre imaginada: representações dos cidadãos sobre a cidade.** Projeto de pesquisa, 2007.
- MENEZES, J. E. O. **Rádio e cidade: vínculos sonoros.** São Paulo: Annablume, 2007.
- SCHAFER, M. **A afinação do mundo.** São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- SILVA, A. **Imaginarios Urbanos: hacia la construcción de un urbanismo ciudadano: metodología.** Bogotá: Convenio Andrés Bello, Universidad Nacional de la Colombia. 2004.